

ROCHA, Ronai Pires da.
Ensino de Filosofia e Currículo.
Petrópolis: Vozes, 2008.

Jaqueline Engelmann *

O cenário de discussão a respeito do ensino das mais diversas disciplinas escolares no Nível Médio e, mais especificamente, da Filosofia, encontra-se povoado de material didático ou paradidático e, mais ainda, de obras que pretendem delinear métodos de aplicação da matéria que visam, antes de tudo, a tão almejada inter ou transdisciplinaridade. Não vou entrar aqui na questão da leviandade com que tem sido tratada essa tão em voga “transdisciplinaridade”. Como professora do Nível Médio, durante três anos tive a oportunidade de verificar que a maior parte dos professores que diz planejar suas aulas e executá-las de forma interdisciplinar não faz mais do que dividir o tempo e o espaço de sua aula com outro colega de disciplina distinta.

Não apenas na prática escolar, mas também no material que pretende tematizá-la, não havia encontrado ainda uma explanação convincente e plausível do tema. Dentre diversas outras discussões, a transdisciplinaridade é tratada por Ronai Pires da Rocha em sua obra *Ensino de Filosofia e Currículo* com uma excelência admirável. O ponto de partida está, é claro, na discussão frente à inserção da Filosofia, assim como da Sociologia, enquanto disciplinas obrigatórias no Nível Médio, a partir da aprovação do Parecer CNE/CEB 38/2006 pelo Conselho Nacional de Educação. Mas, muito antes disto, Ronai Rocha já pesquisava, debatia – nos mais diversos meios de comunicação do centro do Estado do Rio Grande do Sul – e se preocupava com o modo como a Filosofia seria tratada nas escolas.

Ronai Rocha é professor assistente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria-RS, já foi Pró-Reitor de Graduação da mesma universidade de 1985 até 1989. Em 1997 publicou seu primeiro livro *Sentimentos de Outono. Sobre universidade e educação*. Dedicou-se à pesquisa sobre o

* Doutora em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IF-RN).

ensino de Filosofia desde 1992. Há muito publica artigos sobre o ensino de Filosofia, mais especificamente sobre seu caráter interdisciplinar e sobre sua inserção no vestibular. Aliás, a Filosofia foi introduzida no vestibular da UFSM de um modo completamente inovador, proposto pelo próprio professor Ronai, que é justamente quem formula as questões de Filosofia para o exame de inserção na universidade. Esta inovação consiste na introdução de cinco perguntas de cunho filosófico em cada uma das provas (matemática, física, língua portuguesa, biologia etc.) de modo que o vestibulando não consiga identificar aquela como uma pergunta exclusivamente de Filosofia. Tais questões estão intimamente relacionadas com as perguntas da prova específica para a qual o candidato se preparou. Isso por si só já demonstra o caráter interdisciplinar da Filosofia, a capacidade de dialogar com todos os outros campos do saber. Dado o teor do livro de Ronai Rocha, a Filosofia no vestibular não poderia receber tratamento diferente.

Retomando a discussão específica da obra *Ensino de Filosofia e Currículo*, como o próprio título indica, o autor enfatiza que não há como inserir de modo adequado a Filosofia no Nível Médio sem antes debater a questão das modificações necessárias no currículo escolar como um todo. A bela metáfora utilizada por Rocha para o estabelecimento do currículo atual é a de um presépio onde cada professor chega na escola e deposita a sua parte, sua oferta de formação. Deste modo, a árvore-currículo cresce, mas cresce pela agregação de partes e nunca pela conjunção das mesmas. Deste modo agregado, o currículo escolar não prevê nenhum diálogo entre os diversos saberes que serão ofertados aos alunos. Em contraposição a este modo de ver o currículo escolar, o autor apresenta a noção de “transversalidade pedestre”, a partir da qual a inserção da Filosofia no currículo significa uma conexão, um caminhar lado a lado da Filosofia com as demais disciplinas escolares.

Neste contexto, o que se espera do professor de Filosofia? Talvez a direção da escola assim como os demais professores estejam ansiosos pela chegada do professor de Filosofia porque deve ser ele o formador da consciência crítica e da cidadania dos alunos. Essa afirmação é lugar comum, tão freqüente quanto a discussão sobre a carga horária destinada a cada disciplina escolar. O que Ronai Rocha nos lembra no livro – e que muitos professores desconhecem por nunca terem lido os PCN e as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* – é que a formação crítica-cidadã não é um privilégio da Filosofia. Para citar apenas um exemplo, as *Orientações Curriculares* de Biologia enfatizam que “no que diz respeito à formação do educando como cidadão e como personalidade ética e crítica, a

Biologia tem grande contribuição a dar”. Formulação semelhante pode ser lida nas demais *Orientações*. Portanto, não é esta a valiosa contribuição que se deve esperar do professor de Filosofia.

Mas, afinal, qual é o papel da Filosofia? Será ela mais uma disciplina a disputar espaço com as demais, lutando pelo escasso tempo a fim de que seu conteúdo seja “re-passado” aos alunos? A Filosofia tem seu objeto próprio de estudo e, por isso, poderia disputar tal espaço ao lado das demais disciplinas. Mas seria este o caminho a seguir após tanta reflexão já colocada em termos de eficiência do processo didático-pedagógico em sala de aula? Dado que a Filosofia é composta pelas mais diversas áreas do conhecimento, não poderia ser ela a pioneira em relação àquilo que tanto se privilegia em termos de processo interdisciplinar? Pela própria natureza da Filosofia ela esteve sempre ligada aos demais saberes. Na escola isto pode ser considerado o grande passo inicial para trabalhos de cunho inter e/ou transdisciplinar. O professor Ronai Rocha relembra o leitor que as perguntas filosóficas conduzem a conceitos tais como verdade, infinito, razão, poder, ética, justiça, fenômeno, hipótese, norma, democracia, revolução, conceitos estes que podem ser encontrados no escopo de uma ou de diversas disciplinas escolares. Como, então, poderia o professor de Filosofia não usufruir de tal riqueza no momento de planejar suas aulas? Ora, a curiosidade pulsante da criança e do adolescente aparece nas aulas de matemática, por exemplo. Mas, como na maioria das vezes o professor de tal disciplina não saberia responder a pergunta “o que é o infinito?”, esta pergunta seria respondida pelo professor de outra disciplina. O autor nos apresenta, ao longo de sua obra, exemplos de questões que atravessam os mais diversos campos do saber e que poderiam e deveriam ser acolhidas numa aula de Filosofia. Outro exemplo riquíssimo se encontra na noção de causalidade que, diferente do tratamento recebido pelas ciências naturais – a aplicabilidade aos fenômenos do mundo –, quando remetido ao tratamento filosófico, permite ao professor conduzir o aluno a um questionamento muito mais profundo, qual seja, ao argumento cosmológico em favor da existência de um criador do mundo. Se o aluno em algum momento perceber que determinados argumentos atravessam duas ou mais disciplinas, o professor de Filosofia terá alcançado seu objetivo.

A Filosofia, assim como as demais disciplinas escolares, precisa colocar-se frente ao aluno como um corpo, uma organicidade que dialoga, que transita, que está intimamente relacionada à vida da criança, do jovem. Para este fim a Filosofia deve servir, tanto quanto a Matemática. A partir desta tematização, Ronai Rocha propõe a construção de uma *didática mínima* para a Filosofia, partindo da distinção estabelecida por Immanuel Kant

Trilhas Filosóficas

entre a “lógica dos conteúdos” e a “lógica da aprendizagem”, distinção esta de extrema importância para a didática de todas as disciplinas escolares. A distinção kantiana refere-se, em linhas gerais, à lógica dos conhecimentos, dos conceitos, da “matéria” – lógica dos conteúdos – e ao processo de apropriação de tais conteúdos por parte dos estudantes – lógica da aprendizagem. Kant antecipou, assim, uma discussão primordial da psicologia da aprendizagem, retomada no séc. XX por Vygotsky e por Piaget no contexto da relação entre uma “lógica” e uma “psicologia de conceitos”.

A relação entre a *teoria dos campos conceituais* – desenvolvida por Gerard Vernaud – e a didática da Filosofia é outro aspecto tratado com excelência por Ronai Rocha. A partir desta distinção, o professor Ronai aponta para uma crítica fundamental de um ensino que se volta para a transposição de definições conceituais desvinculadas umas das outras. O autor aponta, neste contexto, para a utilização de uma teoria psicológica dos conceitos cuja origem remonta a Frege e é retomada por Piaget, Vygotsky e Wallon. Frege já havia esclarecido que conceitos são princípios de classificação que não podem ser reduzidos às suas definições. Ronai Rocha enfatiza a importância deste tema para a Filosofia e a contribuição que a mesma pode efetivamente oferecer no processo de aquisição dos mais diversos saberes.

Como não poderia deixar de ser, Ronai Rocha conduz à discussão da tão em voga “Filosofia para crianças”. Ora, é inegável que o frescor e a curiosidade do questionamento infantil conduz a reflexões fundamentais, aquelas reflexões que na maioria das vezes se perdem no adulto. A associação por vezes estabelecida entre o questionamento dos pequenos e o questionamento próprio dos adultos, acaba por conduzir a uma noção bastante perigosa, qual seja, a da criança como um adulto em miniatura. Os adultos pretendem, assim, idealizar a criança como um ser que filosofa. Conforme Ronai Rocha “as crianças não fazem, propriamente, Filosofia”. O que leva os adultos a acreditarem que sim, é o fato de que as crianças fazem perguntas, com mais frequência, sobre o funcionamento de seu aparato conceitual e os adultos acabam por chamar isso de “filosofia”. É na *exploração do funcionamento da linguagem* que Ronai Rocha encontra a comparação entre a atitude questionadora das crianças e a atitude filosófica propriamente dita.

No penúltimo capítulo do livro, Ronai Rocha discute um modelo de classificação das áreas de conhecimento. Tal classificação deveria ser pautada e debatida nas aulas de didática da Filosofia, afirma o autor, uma vez que se baseia em critérios tais como sintaxe, semântica e pragmática, ou seja, naqueles critérios advindos da semiótica.

Por fim, o livro se encerra com a discussão da relação entre Filosofia e linguagem como meio de retomar a temática central: a conexão da Filosofia com as demais disciplinas escolares. A disciplina de língua portuguesa é utilizada, na conclusão, como exemplo para debater essa conexão. Tornar o ensino de Filosofia aprazível e dinâmico, neste contexto, não deve ser tarefa tão difícil. É isso o que Ronai Rocha tenta nos mostrar no encerramento de seu livro. Mas tal prazer e dinamicidade não podem se tornar motivo de esquecimento das características fundamentais da disciplina de Filosofia, dentre as quais se encontra a liberdade conjugada ao rigor do pensamento.